CAMPOS LIMA

A CEIA DOS POBRES

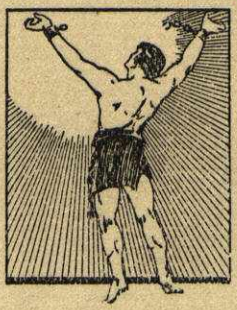
CONTRASTE Á «CEIA DOS CARDIAIS»

(EPISÓDIO DRAMÁTICO, EM VERSO)

Representado pela primeira vez em Coimbra, no teatro Principe Real, em 17 de novembro de 1906.

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

2.ª EDIÇÃO



EDIÇÕES SPARTACUS
LISBOA — 1925

Slhi

PERSONAGENS

CEGO, mendigo	Luciano de Castro
ALEIJADO, mendigo.	Simões Coelho
OPERÁRIO sem trabalho	Araújo Pereira

Slhi

AOS MEUS INTÉRPRETES

Slhj

A CEIA DOS POBRES

A scena representa uma rua afastada da cidade. A um lado, junto duma fonte, há um banco de pedra, onde dois mendigos, um cego e outro aleijado, matam a fome comendo o pão das esmolas. Do outro lado, um portão de ferro, jardim de casa rica. Ao fundo a vista duma cidade. Ao levantar o pano um operário vem descendo a scena sem reparar nos mendigos e fixando, num ar de revolta, o lado oposto. Há um silêncio. O operário, tendo parado, aproxima-se do muro do jardim, ficando aí impassível, como a perscrutar o interior.

CEGO

Como está duro o pão!

ALEIJADO

A fome é negra, amigo,
E um luxo o paladar na boca do mendigo...

CEGO

Há muito que o perdi!...

(Pausa)

Lembranças do passado!...
Um paladar precioso, exquisito, educado...

ALEIJADO

Isso, põe-te a sonhar! Toma do pão e come.
É preciso enganar esta maldita fome.

CEGO

Sempre esta vida assim, de párias desprezados
Vivendo como cães!

ALEIJADO

E cães abandonados!
Bem vês, há cães de luxo, há cães de estimação
A que o dono não dá assim tam duro o pão!

CEGO

Quantas vezes na vida invejo os animais!
Como é belo ser cão nos palácios reais!

ALEIJADO

Porque será que Deus creou vários destinos
E mendigos nos fez?

CEGO

Os mistérios divinos
É certo que ninguém os pode compreender...

ALEIJADO

E mesmo existe Deus? Alguém pode-o saber?

CEGO

Sei lá! Talvez que exista àlém uma outra vida
E a promessa da Bíblia então seja cumprida...
Talvez depois da morte encontrêmos venturas...
Talvez não haja só o pó das sepulturas...
Eu que sou hoje cego hei-de ver nesse dia

O bendito país da Paz e da Alegria,
E tu terás de novo o teu corpo perfeito
E juntarás a ti, ao calor do teu peito,
Aquela que te amou... Sereis no amor iguais,
No mesmo lindo sonho...

OPERÁRIO, que, tendo reparado nos mendigos, tem começado a prestar atenção ao diálogo:

Homem não digas mais.
Eu compreendo bem a tua grande esp'rança...
Não passa isto porém de ilusões de creança...
P'ra que se há-de mentir à própria consciência
Ser contra a própria luz—a Verdade e a Sciência—?
O Porvir 'stá em nós, é de nós que depende.
Para que pois um céu que ninguém compreende?

CEGO

Não sei, senhor, quem sois. Meu coração adivinha
Em vós um coração. Senhor, uma esmolinha!

OPERÁRIO

A mim pedes esmola! Ó ironia atroz!
Pobre ceguinho, eu sou um pária como vós.
Sou dos mortos-de-fome. Irmãos ela nos fez.
Apenas, ó mendigo, eu julgo ser talvez
Um maior torturado!

ALEIJADO

És, vejo-o, um operário.
Tens garantido assim ao menos o salário.
Será pouco, porém não é esta desgraça

De ter de mendigar a essa gente que passa,
Porque êste é cego e eu de nada agora valho.

OPERÁRIO

Um operário sim, op'rário sem trabalho!
Inútil como vós, míseros verdadeiros,
Que sem comer passais, como eu, dias inteiros.

CEGO

Queres do nosso pão? É o que podemos dar-te.

ALEIJADO

Eu já não quero mais. Aí tens. Toma parte
Neste grande banquete...

OPERÁRIO, recusando:

Ah, não!

ALEIJADO

Não tens vontade?

OPERÁRIO

Ah, meu amigo, é êsse o pão da caridade,
O pão que se mendiga, êsse pão que se implora
Co'a dolorida voz do mísero que chora
Em vez de protestar. Eu sou um revoltado
Contra o mal social, contra a lei, contra o Estado.
Não posso pois comer dum pão assim, não posso.
Pedir? Não: reclamar! E êsse pão é o vosso,
O miserável pão dos que toleram isto,
O mal da sociedade.

CEGO

Um dia Jesus Cristo,
Seja filho de Deus, ou homem dêste mundo,

Disso falou e o seu espírito profundo
Só concebeu perdões, resignação e paz.
Perdoou a Tiberio, a Pilatos, Caífaz,
Perdoou—perdão santo!—a todos os judeus,
E expirou no Calvário erguendo o olhar aos céus
E murmurando ainda um último perdão.
Nunca prégou a audaz, viril revolução.
Dos mais humildes foi. Eram dos seus amigos
Os filhos da ralé: os rotos, os mendigos.
Ele viu que o remédio ao mal da sociedade
Estava exactamente—ouvi—na caridade.
Dê do que lhe sobeja um pouco tôda a gente
E acabará a vil miséria repelente.
Não, eu não quero mais. Só o que me consome
É se, às vezes, não sei onde matar a fome.
Ser rico pouco importa: a questão é viver!...

OPERÁRIO

Como deve ter sido intenso o teu sofrer,
P'ra chegares, ó cego, a êsse abatimento
Em que não há senão um tímido lamento!
A dor é sem protesto uma coisa irrisória.
Ah, deve ser bem triste, eu vejo-o, a tua história!

ALEIJADO

Como afinal se dá com um qualquer mendigo.

CEGO

Por certo com nenhum como se deu comigo!
Eu quero até contar! Eu quero até contar!
Não há ninguém, não há, que me possa igualar
Em tôda esta desgraça em que me tenho visto,
Tal como a não sofreu de certo o próprio Cristo.

ALEIJADO

Contasse também eu a minha triste vida
E verias, ó cego, o quanto é divertida.

OPERÁRIO

E então? Pois que nos junta o acaso neste dia
Quais náufragos no mar, à hora da agonia,
Sentindo-se immergir, contorcionar, morrer,
Porque não hemos nós, se isto nos dá prazer,
Trocar da nossa vida as tristes impressões,
Que o destino cavou em nossos corações?
Porque não hemos nós, os párias, infelizes,
Contar a nossa dor, que tem fundas raízes
No grande mal da vida—a profunda amargura
Que vai cobrindo a terra em uma noite escura?
Sim, meus amigos, sim; contêmos todos três
A nossa história. Vá, ceguinho, tens a vez...

CEGO, após uma pausa de concentração:

Pois seja. Ouvi então. Eu tive já na vida
Uma hora boa e sã, nessa quadra florida
Em que a gente não pensa em tristezas e dores
E pelos corações vam nascendo os amores.
Por êsse tempo ainda eu via a luz do dia.
Era novo e era rico... emfim tinha alegria...
Amei e fui amado. Empreendi mil loucuras.

OPERÁRIO

Fantasiar não vale...

ALEIJADO

É verdade isso? juras!
Nunca tal me disseste...

Slhj

CEGO

É verdade! É verdade
O que basta para eu viver só na saudade
Dêsse passado tempo em que eu era ditoso
E nas mulher's colhia a linda flôr do gôzo,
Dum tempo de ventura e sonhos irreais,
Dêsse tempo feliz que já não volta mais!

(Pausa)

Sou filho natural. Meu pai era um banqueiro
Que nasceu e morreu a nadar em dinheiro.
Sou filho dum acaso, o acaso dêsse instante
Que atirou o meu pai aos braços duma amante.
«O filho do banqueiro!» assim me conhecia
A canalha gentil das noitadas de orgia.
Gastava então a vida em loucuras preciosas
Feitas de sonho e amor, feitas de mel e rosas.
Bem pouco via já, porém p'ra mim o mundo
Era inda, ao meu olhar, venturoso e jocundo.
E nesse tempo a dor, a desventura, o mal
Não me dava a impressão duma coisa real.
No dia em que morreu nos meus olhos a luz
É que eu vi bem a vida, é que entendi a cruz
Dos tristes sem amor, dos párias sem ninguém...

(Pausa)

Morreu-me o pai um dia. E a minha pobre mãe,
A quem meu pai deixára imprevidentemente
Às portas da miséria, acabou de repente
Num suicídio atroz. Eu tinha em frente a vida,
A noite de amargura em que ia andar perdida
Minha alma que sonhara as quimeras mais belas,
Feitas da luz do sol e das noites de estrêlas.
Não mais a minha voz, alegre como dantes,
Se haveria de ouvir nas ceias de estudantes,

Em que os beijos febris zuniam como abelhas
E vogavam no ar minhas canções vermelhas.
Nunca mais eu diria o lindo verbo amar,
Fôra tudo ilusão e castelos no ar...

(Fica distraìdamente num grande ar absorto. Depois numa tristeza crescente, mas sem revolta):

Assim perdi na vida a doce luz da esp'rança,
Como um sonho fugaz e ingénuo de creança.
Não mais eu caminhei de fronte erguida e audaz.
Senti envelhecer minha alma de rapaz,
Senti que pouco a pouco, em vida, antes do fim,
Meu próprio coração ia morrendo em mim...

(Pausa)

ALEIJADO numa recriminação amiga e com tristeza:

E durante êsse tempo em que temos andado
Nesta vida de dor, marchando lado a lado,
Nunca tu me disseste a tua desventura...
Teu pobre coração, cerrado em noite escura,
Não procurou no meu palavras de confôrto!...

CEGO numa desolação imensa e com ar irónico:

O «filho do banqueiro» há muito estava morto!
Já ninguém recordava êsses tempos antigos...
Não tinha já dinheiro e já não tinha amigos.
E desde que eu ceguei os que por mim passaram

(Numa ironia mais amarga)

Coitados, como eu, parece que cegaram.
Nenhum!... nenhum me viu! A minha antiga vida
Estava há muito já de todos esquecida...

Slhi

(Resignadamente)

P'ra que lembrá-la pois, p'ra que vivê-la ainda,
Se eu teria de a ver como perdida e finda?
E poderias tu, que me estendeste os braços
E que vieste um dia ao encontro dos meus passos,
Dar-me maior prazer, maior consolação,
Se eu tinha já no teu há muito o coração?
P'ra que mostrar-te a ti, amigo verdadeiro,

(Com desprêzo)

O fútil e banal—o «filho do banqueiro»?

(Pausa)

E se hoje te desvendo os meus dias de outr'ora,
Em que eu me recolhia ao despontar da aurora,
Em que eu tinha um amor para tôda a mulher
Que se quisesse dar, ou amar, ou vender,
É que tu viste já, na vida de inclemência
Em que tenho vivido, a justa penitência,
O perfeito resgate, a minha redenção
Dêsse tempo em que eu fui um imoral e vão.

(Pausa)

Ah, sim, nessa hora negra em que a miséria vil
Roubou tudo o que eu tinha ainda de viril
E me fez mergulhar na treva e na desgraça
E erguer à caridade a mão de praça em praça,
Nessa hora de tristeza e de amargura e tédio,
Hora dos sem esp'rança, hora dos sem remédio,
P'ra quem a vida é vazia de sentido,
Sofri como ninguém o mal de ter nascido.

(Pausa)

E eu que outr'ora fui altivo e independente,
Ando a estender agora a mão a tôda a gente.
E eu que vesti veludo e sedas no passado,
Vou morrendo de frio em trapo esfarrapado.

Slhi

Tinha um quarto precioso e agora posso ir
Preso por um polícia a topar-me a dormir.
Os mais ricos salões falavam no meu nome...
Porém hoje talvez... venha a estalar de fome...

(Pausa. Depois, com tristeza infinita):

E assim morreu, caíu e não renasce mais
Meu tempo de ventura e sonhos irreais!

OPERÁRIO

A tua história é negra, arripiadora e triste,
Passou por ti o mal, tu o sofreste e viste.
Porém dentro de mim eu sinto mais ardente
A dor da minha vida, a dor de tôda a gente.
Meu doido coração, que em mim se despedaça,
É feito de opressões, misérias e desgraça.
Sinto a revolta ardente e a amarga desventura
De que se faz o herói de altiva fronte pura
Que vem dar todo o sangue à crença numa ideia
Tal qual como o verteu o Cristo na Judeia.

(Pausa. Depois, para o aleijado):

Mas dize tu primeiro: agora é tua a vez.

(Irónico)

É bom mesmo entre nós, os párias, ser cortês.

ALEIJADO, mesmo tom:

Devias falar tu. Bem sabes, nós aqui
Somos donos *da casa*...

OPERÁRIO, recusando:

Eu sou depois de ti.

CEGO, irónico:

Não teimes, fala tu. Amigo e companheiro,
A gente rica diz que o tempo que é dinheiro...

ALEIJADO, depois duma pausa meditada. Para o cego:

Não tive como tu um raio de ventura
No dia em que nasci. Ah, nessa casa escura,
Sem ar, nem sol, nem vida, uma mansarda odiosa
Onde jamais desceu um dia côr de rosa,
Foi sempre o sofrimento o pão que eu encontrei.
A causa do meu mal? Qual era a estranha lei
Que dividia o mundo em castas desiguais,
Pois tinham menos uns para outros terem mais?
Qual era essa a razão, oculta, que eu não via
Que a uns dava tristeza e aos outros alegria?
O certo é que eu sofri durante tôda a vida
O pêso dessa lei estranha e incompreendida.

(Pausa)

Vivia com meus pais mais uma irmã pequena,
De olhos vivos num rosto alegre de morena.
Era ela para mim, depois de minha mãe,
A luz do meu olhar, meus sonhos, o meu bem.
Por ela é que o trabalho a mim se afigurava
Mais leve, menos negro, e a fronte não vergava
Ao pêso da desgraça. Era ela, essa criança,
Quem me incutia audácia e me dava esperança.
Meu pai, triste imbecil que o álcool estragara,
Que minha pobre mãe, numa bondade rara,
Teve de suportar, só era um embaraço.
E eu sonhava então no esfôrço do meu braço:
Iria ser um dia a esp'rança redentora
Alegre e fulgurante e forte como a aurora!

Slhi

CEGO

Os sonhos de criança!

OPERÁRIO

E os tristes desenganos!
Sei bem o que isso custa.

ALEIJADO

Ao completar vinte anos,
Quando eu já era em casa um auxílio, um amparo,
O Destino, que eu vi para mim sempre avaro,
Veio acabar com tudo, espedaçando assim
As doces ilusões tam sonhadas por mim.
Um dia, no trabalho, um desastre imprevisto
Arrebatou-me um braço e reduziu-me a isto:
Êste inútil trambolho incapaz para nada.

(Pausa)

Na fábrica, de então, eu já não tinha entrada.

(Pausa)

Foi a miséria em casa! A fome que eu sofri!
E a dor de a ver sofrer! Ah, porque não morri
Nessa maldita hora em que eu a trabalhar
Perdi tudo!... o meu braço!... a esp'rança do meu lar!

(Pausa)

Vejo-o ainda no chão, desfeito e ensanguentado
Como trapo hediondo, ignóbil, desprezado.
E a oficina onde os patrões de sangue fazem oiro
Dá-me agora a impressão dum grande matadoiro
Onde a miséria morre, esfarrapada e triste,
Sob um cutélo infame a que ninguém resiste.

(Pausa)

Vivi para sofrer! para assistir ainda

Ao cair da ilusão mais carinhosa e linda.
A minha irmã...

CEGO

Morreu?

ALEIJADO, numa grande comoção e assomos de revolta:

Pior: prostituída,
Atirada ao monturo, ao lodaçal da vida,
Vendendo, p'ra comer, sua carne gentil...
Minha irmã que eu amei como as rosas de abril!

(Termina dolorida mente numa grande prostração).

CEGO

Sofre com paciência o mal da tua sorte,
Que lá nos altos céus, depois da tua morte,
Será levado em conta, aos outros desgraçados,
Por tôda a tua dor o mal dos teus pecados.
E vê que por maior que seja a tua cruz
Maior a suportou há séculos Jesus...

OPERÁRIO

Ah não, não digas isso—a vida é superior!...
E a sujeição ao mal, resignação à dor
É negar o direito à própria vida, é ter
Tôda a contradição de si no próprio ser,
Ah não, o teu Jesus, exangue e moribundo,
Não justifica bem a indif'rença do mundo,
Porque mesmo Jesus, com seu ideal de amor,
Foi sobretudo um grande e estranho agitador,
A quem, por ser assim, a Lei sacrificou.
Ah quam dif'rentes sois de tudo quanto eu sou!

Slhi

A voz que vos diz:—sofre!—a mim diz-me:—caminha!
Ah quam diversa que é da vossa a vida minha!

(Pausa)

Quando eu nasci, meu pai, um cavador robusto,
Corpo de lutador, alma pura de justo,
Banhou-me todo o ser na luz do seu olhar
Altivo, livre e audaz, profundo como o mar.
Foi êle que me deu, na sua vida rude,
O exemplo que me fez a minha de virtude.
Nasci no mês de abril, como nascem as flores,
Numa aldeia de encanto e de sonho e de amores,
Onde eu vivi na vida o tempo mais feliz.
Os sonhos que sonhei! e as loucuras que fiz!
Ficou-me em cada sítio uma recordação
A prender e a reter meu pobre coração.
Ó árvores do bosque, alegres passarinhos,
Arroios de água clara e pedras dos caminhos,
Quantas vezes na vida inquieta da cidade
Eu vos revi, chorei, na dor duma saudade!
Quantas vezes lembrei, no meio de amarguras
A doce e antiga paz daquelas manhãs puras,
Em que, de enxada ao hombro, a rebrilhar ao sol,
À hora em que morria a voz do rouxinol,
Eu passava a cantar, pelas campinas fóra,
Como se dentro em mim levasse a luz da aurora!
Quantas vezes na dor, na revolta e no ódio
Lembrava um dia alegre, um dito, um episódio
Dêsse tempo feliz que fica para trás:
Perdidos sonhos meus! loucuras de rapaz!...

(Pausa)

CEGO

E para que deixaste um dia a tua aldeia?

ALEIJADO

Confessa que não foi lá muito boa a ideia:
Trocar por êste poço enregelado e triste,
Aonde só torpeza e sujeição existe,
A linda natureza altiva e deslumbrante,
Com seu ar de donzela e de esposa e de amante...
Por lágrimas trocar a alegria do riso,
Dar pelo inferno vil, inteiro um paraíso...

OPERÁRIO

Vós não podeis sequer por certo imaginar
Quanto isso me custou. Mas se deixei meu lar,
Aonde eu sempre tive alegria e prazer,
Inexoràvelmente assim tinha de ser.

(Pausa)

Nascêra forte e audaz; da fôrça eu tinha feito
Um verdadeiro culto, a que rendia preito.
Na vida eu só amava o lado natural.
A natureza rude, instintiva, real,
Em tudo o que ela fôsse intensa e bem sincera:
Num carinho de mãe ou no ódio da fera.

(Pausa)

Tal qual como abre a flôr à luz do sol ardente,
Meu coração um dia abriu-se alegremente
Ao puro e meigo olhar duns olhos de veludo,
Em que eu prendia a vida e resumia tudo.
Não teve o meu amor divagações bizarras,
Cantigas ao luar, noitadas de guitarras,
Nem foi, num pranto amargo, ao longo dessas ruas
Às estrêlas contar tôdas as mágoas suas.
Não foi um doentio e estranho amor de morte,
Mas um amor perfeito e natural e forte.
Não teve olhos de fada e moiras encantadas...

Slhj

Nasceu naturalmente ao vir das esfolhadas,
Por entre o riso alegre e das danças ruidosas,
Fecundante, viril, vermelho como as rosas.

CEGO, saudosamente:

Quantas recordações me fazes despertar
Dum tempo em que eu amei e que sabia amar!

OPERÁRIO, continuando:

Na mesma lei da vida um ao outro atraídos,
Na identificação exacta dos sentidos,
Sendo um e o mesmo sonho, e o mesmo pensamento:
Ah foi êsse na vida o meu melhor momento!

(Pausa)

Quanto prazer me deu e quantas alegrias
Nessas tardes de amor, nesses felizes dias
Aquela que eu amei, rosa alegre dos montes,
Alma ingénua, leal e pura como as fontes.

(Pausa)

Um dia morreu tudo—a pátria reclamava
O meu braço viril, minha rudeza brava;
A audácia que me dera a vida nos montados
Era precisa então nas filas dos soldados.
E eu tive de deixar, escravizado à lei,
Numa triste manhã aquela que eu amei!...

ALEIJADO, tristemente:

A mim ninguém me quis, nem p'ra isso servia.

CEGO, irónico:

Nem eu: para matar errava a pontaria!...

Slhi

OPERÁRIO, continuando:

À hora da partida o meu bom pai, já velho,
Deu-me em tremida voz seu último conselho:
«Ó meu rapaz, tu és o orgulho do meu nome,
Por ti sofria tudo: as torturas da fome
E a desgraça de ter de andar aos pontapés
E às ordens dum patrão. Mas, por isso que és
Tudo quanto pensei e que sonhei em ti,
Segue sempre, meu filho, a estrada que eu segui.
Procura ser honesto, altivo e verdadeiro,
Desprezando as banais ambições do dinheiro.
Nunca pratiques nada em que o amor por mim
Te diga que um tal facto o não faria assim».
E abraçou-me a chorar. Fugi sem dizer nada...

(Pausa)

Um vulto de mulher esperava na estrada.
Então, num doido abraço apertado e fremente,
Colei-lhe à linda boca a minha longamente.
E como uma visão vaporizada e vã
Tudo p'ra mim morreu nessa triste manhã...

ALEIJADO

Amigo, a vida é assim; os tristes degraçados
Não nasceram senão p'ra ser escravizados!

CEGO, para o aleijado:

A vida é o grande mal! Que queres que se faça
Se é o destino que leva a gente p'rà desgraça!

OPERÁRIO, continuando:

Começou para mim a cruz do sofrimento.
Os dias que eu vivi, sei lá... No regimento
Eu fui a pouco e pouco interpretando a vida,

Slhj

Sentindo que p'ra mim era falsa e mentida;
Que tudo que meu pai me disse ao despedir
Eu não podia já com certeza cumprir.
E nunca compreendi que pátria era a que vinha
Roubar-me o que eu julguei que fôsse a pátria minha:
Tudo quanto eu amei e não deixei de amar,
Minha perdida aldeia e o sonho do meu lar!

ALEIJADO

Mas dentro do quartel ao menos sempre havia
Um riso claro e são, uma hora de alegria...

OPERÁRIO

Nada, mentira, tudo; ali o que encontrei
Foi sempre a dura e má a inexorável lei.
Sentia uma opressão estranha no meu peito,
Habituado ao ar e ali sempre sujeito
Às correias brutais e à humilhação da farda;
E por sôbre o meu ombro o pêso da espingarda
A recordar-me sempre a minha condição:
Obrigado a matar o pai, a mãe, o irmão.
Meu coração audaz, a minha alma de forte
Não suportou assim muito tempo esta sorte.
E um dia na parada, após o insulto vil
Dum superior, eu tive um ímpeto viril:
A minha mão ergueu-se e a natureza altiva
Que eu tinha ainda abriu-se impetuosa e viva.
E, por entre a algazarra enorme e o clamor,
Ouvia-se uma voz:—«Bater num superior!»
E em volta oficiais, de olhar sinistro e duro,
Recomendavam já: «Conservem-no seguro!
Calaboiço com êle!» E a mão sôbre as espadas...
Então, naturalmente, os próprios camaradas

Levaram-me amarrado e assim me arremessaram
Ao cárcere.

CEGO

E depois?

OPERÁRIO

Depois anos passaram
Dum sofrimento amargo, até que um dia vi
De novo a liberdade.

ALEIJADO

E como foi?

OPERÁRIO

Fugi!

(Movimento de espanto dos outros dois)

Fugi! Arremessei-me à doida para a vida,
Num sobressalto ardente, em ânsia irreprimida.
E alucinado errei, dia e noite sem ter
Uma hora de descanço e sem poder saber
Em que sítio da terra, em que lugar amigo
Meu pobre coração encontraria abrigo!
E ai de mim, por mais que eu procurasse bem,
Nunca pude encontrar, entre a gente, ninguém!

ALEIJADO, amargamente:

Depois... passado tempo o teu braço valente
Ainda conseguiu deter tôda a corrente
Da miséria cruel,

(Abrangendo-se a si e ao cego no gesto)

de todo o nosso mal.
Ai tu és forte e sê-lo é vencer afinal!

Slhi

CEGO, mesmo tom:

E um dia ao romper da alva, à luz do alvorecer,
Que põe beijos de côr por sôbre todo o ser,
Alvoroçadamente, em receosos passos,
Voltaste à tua aldeia. Alguém abriu-te os braços
E te apertou ao peito e te colou à bôca,
Num delírio de amor de apaixonada e louca.
Era ela, essa que amaste e que te deu por fim
Tudo isso que morreu e não renasce em mim.

(Pausa)

Co'a luz do meu olhar p'ra mim morreu a côr
Do alvorecer do sol e dos risos de amor!

OPERÁRIO

Quanto te enganas cego e quantas ironias,
Em tôda essa visão que tu me fantasias,
Essa visão de amor, tam vaporosa e linda!
Ah não, a minha vida, então como hoje ainda,
Foi tudo quanto há de mais negro e mais feio.
Ter vista e ver-se forte e viver neste meio
Sabes lá o que é isto...

(Pausa)

É ter contìnuamente
Por sob o nosso olhar a dor de tôda a gente.
Ver a miséria, a fome, as noites torturadas,
Crianças rôtas e febris nos desvãos das escadas.
Aqui um desgraçado, um mártir da ventura,
Sacrificando ao meio a sua alma pura.
Àlém uma mulher que se vende e se gasta
Com um banal vicioso, um malandrim de casta,
Que traz no seu *coupé*, roubado não sei onde
O luxo dum brazão de marquez ou de conde.
Enfim por tôda a parte a vida incerta e má,

Sabes lá o que isto é, cego, tu sabes lá!...

(Pausa. Para o aleijado):

E de que vale o ser um forte nesta vida,
Quando essa fôrça fica inútil e perdida?
Aqui tens o meu caso; é bem simples e breve.
Na oficina há um mês rebentou uma greve.
E quando terminou, como eu fôsse *o pior*,
O que nas reuniões armava em orador
E arrastava a turba à revolta e ao protesto,
O nosso bom patrão, um cidadão honesto,
Que não quere tais questões dentro da casa sua,
Quando acabou a greve a mim pôs-me na rua.

(Pausa)

Estou acostumado; há muito que p'ra mim
A greve ao terminar sempre termina assim!

(Pausa)

Forte, dizes-me tu, ser forte é triunfar!
Mas de que o val' ser sem poder trabalhar?

(Pausa. Numa alucinação)

E é ali mesmo, ali... a casa onde ele mora.
Há pouco vi-o entrar, vi bem, e é esta a hora!
Tenho-o esperado aqui, venho todos os dias...
E estou farto já! E as minhas alegrias
Nunca mais podem ser, ó cego, as do amor.
São as do ódio só, filhas da minha dôr.

(Pausa)

Vocês têm fome e a fome é sempre inspiradora,

(Prepara-se para saltar o muro)

Esperem pois aqui, eu virei... é a hora...

ALEIJADO

Que fazes, onde vais?!

OPERÁRIO

Chut! não vale gritar

ALEIJADO

Que vais fazer?

OPERÁRIO

Roubar!... incendiar!... matar!...

(Acercam-se os dois).

CEGO

Mas que desvairamento!

ALEIJADO

Oiço passos, escuta!
Repara! É a patrulha!

OPERÁRIO (resignado):

Enfim, a fôrça bruta!
Tirania que pesa há muito sôbre mim
E me vem impedir...

(com desprêzo)

Vocês também... Enfim...

(Com abatimento e concentração)

Ah quanto custa, quanto, a dor e a humilhação,
Ser visto com desdém, tratado como um cão...
E saber que êles só respiram alegria,
Roubada ao nosso sangue e à nossa covardia...
E referver em nós tôda a revolta justa
De ver que o seu prazer é todo feito à custa
Da nossa desventura... E ter dentro de nós
A gritar e a bramir, vibrante, aquela voz
Da vida que nos dita, em vez do nosso mal,
Um caminho de luz, perfeito e natural!

Slhi

CEGO

Mas há de ser assim, na vida, eternamente,
Por cada amor feliz uma dor permanente,
Por cada riso claro a lágrima vertida:
Nesta contradição é que consiste a vida.

OPERÁRIO

Ah não, virá um dia em que um sôpro fecundo
Ainda há de mudar tôda a face do mundo:
O dia em que se ouvir vibrante aquela voz
Que a vida anda a gritar há muito dentro em nós.

CAI O PANO
VAGAROSAMENTE

Slhi

DO MESMO AUTOR

POESIA

Retalhos do Coração (primeiros versos) — 1897.
A Monja (poemêto) — 1898.
Os Reis Magos — 1900.
O Rei — 1908.
O Regicida — 1909.

CONTOS E NOVELAS

Notas de um Alucinado — 1899.
O Amor e a Vida — 1924.

MEMÓRIAS, NOTAS E OBSERVAÇÕES

Os meus dez dias em Paris — 1906.
A Questão da Universidade (depoimento de um estudante expulso) — 1907.
O Reino da Traulitânia (25 dias de reacção monárquica) — 1919 — 2.ª edição, 4.º milhar.

TEATRO

A Ceia dos Pobres, contraste à «Ceia dos Cardiais» — episódio dramático em verso num acto — 1906, 2.ª edição.

COMBATE E CRÍTICA

A Monja e os Católicos (refutações) — 1899.
Alma Rubra (notas a esmo) — — 3 n.os — 1899-1900.
A Gafanha — 8 n.os — 1909.

SCIÊNCIAS SOCIAIS

Nova Crença — 1901.
Da Responsabilidade — 1905.
Movimento operário em Portugal — 1910.
Caracter jurídico da operação do recrutamento dos funcionários públicos — 1914.
O Estado e a Evolução do Direito — 1914.
A Revolução em Portugal — 1925.

Slhi

Edições SPARTACUS

O Amor e a Vida (Contos), por *Campos Lima* . . . . . 5$00

A Crise Económica, SEUS ASPECTOS ESSENCIAIS, por *João Perpétuo da Cruz* . . . . . 2$50

Três aspectos da Revolução Russa, por *Emile Vandervelde* . 5$00

A Revolução em Portugal, por *Campos Lima* . . . . . 6$00

Primeiro Congresso Feminista, por *Arnaldo Brazão* . . . . 10$00

A Ceia dos Pobres (Episódio dramático em verso), por *Campos Lima,* 2.ª edição . . . . . 2$00

Slhi